



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA
CAMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM MODELAGEM DO
VESTUÁRIO**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RACISMO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA OBRA *O MULATO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

Camille Bossle
Isabelle Leite
Ketlin Matos
Thamyres Lemes

Orientadores:

Gustavo Kern
Isabel Cristina Hentz

**Jaraguá do Sul
2019**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RACISMO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA OBRA *O MULATO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

**Camille Bossle
Isabelle Leite
Ketlin Matos
Thamyres Lemes**

Relatório final de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando Saberes” do curso Técnico Integrado em Modelagem do Vestuário do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Jaraguá do Sul.

**Jaraguá do Sul
2019**

RESUMO

A obra literária de Aluísio Azevedo, *O Mulato*, é uma drama que impactou muito a sociedade brasileira do século XIX, por ser um livro que censurava demasiadamente o preconceito e, também impactou a sociedade por principiar o Naturalismo. A escravidão e o racismo também encontram muito presentes na trama, principalmente na medida em que ela se desenrola em torno de um “romance impossível” entre uma moça branca e um homem mulato filho de uma escrava. A pesquisa teve como objetivo analisar e compreender de que modo o racismo e as hierarquias raciais se constituíam-se na sociedade brasileira e como estava inserida na trama. Inicialmente, a obra foi lida e estudada individualmente por cada membro do grupo, separada por capítulos e discutida concomitantemente nos encontros que ocorriam semanalmente, com o propósito de compreender a origem histórica do racismo no Brasil. Foram selecionadas passagens textuais presentes no transcórre de toda a obra e, a partir das passagens selecionadas, a equipe extraiu excertos de acordo com as seguintes palavras-chaves, que nortearam a análise da obra: Racismo e escravidão; Raça e mestiçagem racial; As mulheres em *O Mulato*; Festas Populares e Religiosidade; Raimundo, *O Mulato*. Ao final das análises, foi possível compreender como as relações étnicas raciais e o racismo estavam presentes no Brasil no século XIX, interligados à trama envolvente de *O Mulato*.

Palavras-chaves: Escravidão; Mulato; Naturalismo; Racismo

Aluísio Azevedo's literary work, *O Mulato*, is a drama that greatly impacted Brazilian society in the nineteenth century, as it was a work that censored prejudice too much, and also impacted society by beginning Naturalism. Slavery and racism are also very present in the plot, especially as it unfolds around an “impossible romance” between a white girl and a mulatto man the son of a slave. The research aimed to analyze and understand how racism and racial hierarchies were constituted in Brazilian society and how it was inserted in the plot. Initially the work was read and studied individually by each member of the group, separated by chapters and discussed concurrently in the weekly meetings, with the purpose of understanding the historical origin of racism in Brazil. We selected textual passages present throughout the work, and from the selected passages, the team extracted excerpts according to the following keywords, which guided the analysis of the work: Racism and slavery; Race and racial mestizaje; The women in *The Mulatto*; Popular Holidays and Religiosity; Raimundo the *Mulatto*. At the end of the analysis, it was possible to understand how racial ethnic relations and racism were present in Brazil in the nineteenth century, intertwined with the surrounding plot of *O Mulato*.

Keywords: Slavery, Mulato, Naturalism, and racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 Relações entre história e literatura	5
2.2 O Autor	8
2.3 O Naturalismo	10
2.4 A obra	12
2.5 Racismo e relações étnico raciais no Brasil	13
3 METODOLOGIA	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1 Racismo e Escravidão	19
4.2 Raça e mestiçagem racial	21
4.3 As Mulheres em O Mulato	23
4.4 Festas Populares e a Religiosidade	26
4.5 Raimundo, O Mulato	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6 FONTE ANALISADA	33
7 REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório de pesquisa é fruto de um projeto de pesquisa vinculado ao programa de iniciação científica Conectando Saberes, tem como tema o acontecimento social do racismo no Brasil e tomou como foco a análise da obra literária *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, publicada originalmente em 1881. Este trabalho tem como propósito realizar, através da análise da obra, uma reflexão sobre os diferentes problemas que o Brasil vem enfrentando com relação ao preconceito racial no decorrer de sua história. Como propósito da análise, a pesquisa tentou desenvolver também uma visão de como o racismo e as relações étnico-raciais estão presentes na obra analisada.

Partindo dessa intenção de análise, foi estabelecido como o principal objetivo, estudar como o racismo está inserido na obra *O Mulato*, prosseguindo diante disso, para os seguintes objetivos: compreender de que modo o racismo e as hierarquias raciais estão presentes na sociedade brasileira, identificar a forma como os afro-brasileiros são representados em *O Mulato*, caracterizar as relações étnico-raciais entre os personagens da obra e analisar como Aluísio Azevedo formula uma crítica às hierarquias raciais na sociedade brasileira em meados do século XIX.

A análise da obra nos permite trazer uma problematização da história da escravidão no Brasil e suas consequências para a constituição de uma sociedade hierárquica, do ponto de vista de suas relações étnico-raciais.

Deste modo, a pesquisa pretendeu confirmar ou refutar as seguintes hipóteses: analisar como a história do Brasil foi construída e difundida, inferiorizando, assim, sujeitos e grupos sociais, bem como naturalizar o preconceito étnico-racial, impedindo, deste modo, a formação de uma sociedade igualitária; perscrutar como e por quê o racismo pode ser apontado como um fenômeno social grave na sociedade brasileira contemporânea, onde será feita uma leitura crítica a respeito do que se foi compreendido; e, por fim, nós problematizaremos as relações étnico-raciais e o

racismo, promovendo reflexões acerca destas temáticas, que será feito com o estudo de *O mulato*.

Em vista disso, o projeto desenvolveu nas pesquisadoras uma consciência crítica sobre o contexto do racismo em nosso país, ampliando assim, a compreensão sobre as questões étnico-raciais contemporâneas, analisando promover valores voltados ao combate do preconceito racial e suas diferentes formas de expressão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Relações entre história e literatura

A narrativa histórica é sempre uma representação do passado. Essa narrativa, quando conhecimento científico, é construída através da análise de fontes documentais utilizadas para produzir os saberes sobre a história. Pode-se afirmar que, em determinadas circunstâncias, os estudos literários e historiográficos se aproximam, principalmente quando a narrativa literária alcança alto grau de realismo histórico – como, aliás, é o caso da narrativa desenvolvida por Aluísio Azevedo em *O mulato*. De modo que as narrativas, sejam históricas ou literárias, constroem uma representação acerca da realidade. Valdecir Borges (2010, p. 96), na trilha do historiador francês Roger Chartier, afirma que:

Todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.

No universo amplo dos bens culturais, a narrativa literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha de uma época, exprimindo as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, pensamentos, práticas, inquietações, expectativas, esperanças, os sonhos e outras questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e em cada tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos

múltiplos de uma determinada época, abordando o conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. A narrativa literária é, portanto, constituída a partir do mundo social e cultural, mas também o constitui. Desse modo, segundo Chartier *apud* Borges (2010, p.18), faz-se registro, leitura e interpretação do que existe e proposição do que pode existir, evidenciando a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o “mundo do texto”, usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido (CHARTIER *apud* BORGES, 2010, p. 100).

Para Chartier (*apud* BORGES, 2010, p. 99), portanto, a literatura não é somente uma reflexão sobre o que existe, pois pode ser, também, projeção do que poderá vir a existir. Ela registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real.

Desde a segunda metade do século XIX, as fontes literárias começaram a ser usadas com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstruir objetivamente o passado numa correlação explicativa. Foi nessas circunstâncias, que o historiador Ferreira (2013, p.63), afirma que as fontes escritas, preferencialmente as oficiais, ganharam o privilégio de serem considerados os documentos verdadeiros da historiografia.

Com a origem da chamada “História-problema” em meados do século XX, transpassou a dar ênfase aos processos sociais e econômicos, e, nas décadas seguintes, também aos aspectos mentais das civilizações. Deste modo, levando a aproximação de áreas vizinhas, como a Sociologia, Psicologia, entre outros (FERREIRA, 2013, p.63-64).

A história das mentalidades, particularmente, abriu espaço para a investigação dos textos literários. Rebelais *apud* Ferreira (2013, p. 64), ressalta que não só os documentos de arquivos mas, também, um poema, um quadro, um drama são testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de

ação em potência. Os novos historiadores estimularam a pesquisa de novos documentos como os escritos, sonoros, visuais, expressando uma correlação com objetos tais como o inconsciente, o cotidiano, a língua, a literatura, os meios de comunicação.

Conforme Ferreira (2013, p.61), nas últimas décadas os textos literários, passaram a ser vistos pelos historiadores como uma fonte de estudos, para a elaboração de narrativas literárias, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, de valores sociais e econômicos, de experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

Segundo tal perspectiva, o texto literário é sinônimo de ficção ou fingimento, destinado a entreter lucidamente o leitor, transportando-o para universos imaginários:

Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção. Ela lhes permite viver mais e melhor, serem outros sem deixar de ser o que já são, deslocar-se no espaço e no tempo sem sair do lugar, nem de sua hora e viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração (FERREIRA *apud* LLOSA, 2013, p.67).

No entanto, Ferreira (2013, p. 67), constata que toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seu mundo de sonhos, desejos, explorando ou inventando formas de linguagem. Ainda nos informa (p.68), a literatura e as artes sempre constituíram formas de expressões próprias, associadas ao belo, ao trágico, ao sublime e ao sagrado, ou ao profano, ao transgressivo e ao utópico.

O valor estético, social ou linguístico da literatura, de acordo com Ferreira (2013, p. 68), mede-se pela capacidade de transpor para a ficção a complexidade de uma dada sociedade num determinado momento histórico. O romance contemporâneo está inteiramente entranhado na história, tendo o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa. Para Foster (*apud* FERREIRA, 2017, p.

75), a base de um romance é a história, e a história é uma narrativa de acontecimentos dispostos em sequência no tempo.

Os enredos dos romances, eram ora mais fantasiosos ora mais realistas, obedeciam a um modelo comum no qual a história era tratada com certa fidelidade aos acontecimentos e personagens reais. Em uma correlação entre literatura e religião ou mesmo literatura e pedagogia educacional, são, ainda, assuntos que trariam grandes benefícios para a compreensão histórica do século XIX e meados do século seguinte (FERREIRA, 2013, p. 76).

Sendo assim, no que diz respeito aos interesses da presente investigação, importa perceber que o discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma mediação social, tal como se passa com a narrativa histórica. A utilização de textos literários como fonte para estudos históricos ganha maior dimensão quando os estudos tratam da modernidade. Em nossa análise da obra *O mulato*, produzida justamente num momento de modernização da narrativa literária nacional, nas últimas décadas do século XIX, utilizaremos a literatura como objeto de estudo. Mais particularmente, utilizaremos o clássico de Aluísio Azevedo como fonte documental para a compreensão da história do racismo no Brasil. Seguiremos, neste sentido, a proposição nascida no campo da história da literatura, na qual procura-se abordar a historicidade “por detrás” da obra literária, analisando conjuntamente a forma, o conteúdo e as ideias envolvidas na produção da narrativa literária. Trata-se, no desenvolvimento da pesquisa, de mobilizar a literatura como objeto da análise histórica em busca do que Chartier (*apud* Borges, 2010, p. 99) chamou de “efeito de realidade” que a narrativa literária pode oferecer à narrativa histórica.

2.2 O Autor

¹Aluísio Azevedo, nascido no dia 14 de abril 1857 na cidade de São Luís, Maranhão, filho do português David Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto

¹ GIRON, Luís Antônio. **A redenção de Aluísio Azevedo**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI51411-15220,00-A+REDENCAO+DE+ALUISIO+AZEVEDO.html>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

de Magalhães. Foi um escritor brasileiro muito conhecido por suas obras literárias. Uma de suas obras mais conhecidas foi "O Mulato", o romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. Além de ser autor, Azevedo foi um caricaturista, jornalista e diplomata, foi também membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Desde sua infância, Azevedo possuía fascínio por leituras e pinturas e trabalhou como guarda-livros. Anos mais tarde, ele decidiu matricular-se no Liceu Maranhense, no lugar que inicialmente dedicou-se ao estudo da Pintura. No ano de 1876, aos 19 anos de idade, com o seu irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Aluísio começou a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, em que revelou certos dons para o desenho, o que mais tarde auxiliou de certa forma a caracterizar seus personagens. No mesmo ano(1876), passou a fazer caricaturas para os jornais "O Mequetrefe", "Fígaro" e "Zig-Zag". Com a morte de seu pai em 1878, ele retornou novamente para São Luís, onde escreve e publica, em 1880, seu primeiro romance literário conhecido como,"Uma Lágrima de Mulher".

Logo após a publicação de sua obra, Azevedo ganha um olhar pela sociedade e começou a ajudar e colaborar com o jornal anticlerical O Pensador, que tinha como foco a abolição da escravatura. Em 1881, então, Azevedo lança seu maior sucesso *O mulato*, romance que causou uma grande revolta entre todo o povo maranhense, pois o livro possuía cunho naturalista e, também, pelo assunto que era tratado nele: o preconceito racial, foi assim que seu deu início ao movimento naturalista.

Com as duras críticas que vinha sofrendo com a publicação de sua obra literária, Azevedo não viu outra escolha senão mudar-se novamente para o Rio de Janeiro.

Novamente no Rio de Janeiro, Aluísio passa a publicar seus romances em folhetins de jornais, onde publicava obras menores, escritas apenas para garantir a sua sobrevivência. Anos mais tarde, após viver uma vida cheia de críticas e de mudanças, Azevedo decide começar de novo a escrever suas grandes obras literárias e foi como pensamento de analisar o modo como os seres humanos se

relacionavam , e a degradação das casas de pensão, que ele deu início a suas obras novamente. Aluísio publicou, mais duas obras que resultaram em umas de suas melhores obra e foram elas: Casa de Pensão (1884) e O Cortiço (1890). Ele escreveu, também, novelas, contos, crônicas e colaborou com grandes peças teatrais.

Chegando aos seus 38 anos, Azevedo decide parar com sua profissão de escritor, tornando-se diplomata, através da qual viajou pela Europa, Ásia, e América Latina. Passara a viver na Argentina, no lugar em que casou-se com D. Pastora Luquez, uma argentina. Com ela, adotou dois filhos, para os quais deram o nome de Pastor e Zulema, e passaram a viver em Buenos Aires.

Segundo Giron(2009) no dia 2 de janeiro de 1913, aos 56 anos Azevedo acaba tendo infarto e vai a óbito, sendo velado e cremado em Buenos Aires. Alguns anos depois, porém, por iniciativa de Coelho Neto, a urna com os restos mortais de Aluísio Azevedo volta para a São Luís, onde o escritor foi sepultado.

2.3 O Naturalismo

O naturalismo foi um movimento artístico e literário que surgiu no penúltimo decênio do século XIX. Esse movimento não refletia a realidade do país em suas formulações e reivindicações.

O papel do naturalismo foi sendo visível ao longo do tempo em cidades como São Luís, em pequena escala, Fortaleza, já com alguns indícios marcantes e em seguida na cidade de Salvador, em uma proporção menor.

Foi em São Luís que surgiu *O Mulato*, obra que inaugurou o naturalismo brasileiro. No Maranhão, a atividade do naturalismo era mais intensa do que no extremo norte. No Ceará, em Fortaleza, os traços são ainda mais nítidos, incluindo movimentos em que se encontra vários artistas.

Em 1872 ocorreu o aparecimento da “Academia Francesa” que representou a participação da elite intelectual cearense da época. Após 3 anos de sua existência, a academia deixou como característica as conferências pronunciadas na “Escola

Popular” e o livro de Rocha Lima, *Crítica e Literatura*. O movimento da “Academia Francesa” teve a capacidade de provocar o seu oposto, o do “Gabinete Cearense de Leitura”, onde os palestrantes da escola da “Escola Popular” divulgadores de ideias perigosas se juntaram à campanha pela libertação dos escravos em 1884, nessa época o Ceará foi a primeira província do Brasil a abolir a escravidão e, deste modo, congregaram-se no “Clube Literário”, em 1886.

O movimento cearense se torna mais intenso, em 1882, com o aparecimento da “Padaria Espiritual”, cujos sócios se chamavam de padeiros e suas reuniões de “fornadas”, nas quais era proibido o uso de palavras estranhas à língua portuguesa e, também, era considerado vergonhoso qualquer publicação literária que falasse de animais ou plantas estranhas à flora e à fauna brasileira, ou seja, há um movimento nacionalista nesse movimento. Os “padeiros” podiam usar seus chapéus na maioria dos momentos, menos quando se falava em Homero, Shakespeare, Dante, Hungo, Goethe, Camões e José de Alencar.

Segundo Romero (1965, p. 167) “esta palavra (naturalismo) exprime mais nitidamente a feição geral da literatura contemporânea, do que o termo *realismo*. Esse não é a antítese do sistema clássico ou do romântico”.

A obra *O Mulato* foi aceita como a inauguradora da caracterização naturalista, suas características naturalistas foram mais acentuadas na sua primeira edição em 1881 do que no texto corrigido nas suas edições mais recentes. Aluísio Azevedo em sua obra não seguia a linha de indiferença, objetividade expressamente neutra, elementos considerados marcantes no naturalismo; ao contrário disso, ele era muito polêmico e crítico. De acordo com o crítico literário Araripe Júnior até que o romancista Aluísio Azevedo oferecesse livro melhores, *O Mulato*, era visto por críticos como um ensaio, uma obra incompleta, insuficiente. Depois do lançamento de *O Mulato* ocorreu uma pausa no desenvolvimento do naturalismo brasileiro e esse seria mais um indício de como o movimento naturalista ainda era incipiente na literatura brasileira.

De acordo com um dos críticos da época, Araripe Júnior (1965, p. 174), “As formas poderosas do romance moderno teriam entrado no Brasil pela mão de Aluísio

Azevedo, se antes uma propulsão acidental, vinda de Portugal, não as houvesse revelado aos cultores de gênero”.

Em 1890, o naturalismo brasileiro atinge seu ápice, principalmente com o lançamento de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, obra considerada como uma das maiores da literatura brasileira.

Com o declínio naturalista, iniciaria o cinzento intervalo que só seria cortado após a Primeira Guerra Mundial, onde o naturalismo seria encerrado, o que resultaria a tormenta do Modernismo, que demorou a fixar-se na ficção e assim ocorreria a introdução “estrandosa”, para guardar muitos traços do naturalismo.

2.4 A obra

A obra *O Mulato*, publicada em 1881, foi fortemente marcada pela corrente literária naturalista, na qual o ambiente, o cenário da obra e a construção das personagens compõem um enredo no qual ficam evidentes o preconceito racial do qual a população negra era vítima na época.

A obra literária narra a história de Raimundo, filho natural do comerciante português José da Silva com sua escrava Domingas. O personagem principal, ainda criança, é entregue por seu pai aos cuidados do tio, o também comerciante Manuel Pescada. O objetivo de José foi livrar o garoto dos maus tratos de sua esposa, Dona Quitéria Santiago, que ao observar a aproximação entre José e o filho de Domingas ameaçava castigar mãe e filho. Com a morte precoce de José, Raimundo é logo enviado por tio para viver e estudar em Portugal. Anos mais tarde, formado bacharel em direito por Coimbra, Raimundo regressa a São Luís para vender suas terras e liquidar sua herança. Além disso, como saíra ainda muito criança da província maranhense, alimentava o desejo de conhecer sua verdadeira identidade e, sobretudo, quem realmente era sua mãe.

A escravidão e o racismo encontram-se muito presentes na trama, principalmente na medida em que ela desenrola em torno de um “romance impossível” entre Raimundo e sua prima Ana Rosa, filha Manuel Pescada. No

decorrer da história a menina tem a certeza de que o único homem que ama é o mulato Raimundo, que nascera escravo e recebera sua alforria no batismo. A família de Ana Rosa, como parte da elite em uma sociedade escravocrata, não aceita a relação amorosa, pois mesmo que Raimundo tivesse posses, educação requintada e formação intelectual superior, sua origem o impedia de conquistar a benção de seu tio, impossibilitando o casamento com a prima. O pai de Ana Rosa quer que a filha se case com Dias, um português que era seu empregado de maior eficiência e confiança, mas que causava asco em Ana Rosa devido a sua aparência e postura de submissão. Dias era fechado e seu maior desejo era enriquecer não lhe importava como, uma vez que fazia tudo o que fosse necessário para chegar o mais rápido possível ao objetivo maior de sua vida.

O autor termina a obra apresentando o triunfo do mal, com o casamento de Ana Rosa com Dias, assassino de Raimundo. Apesar da reprovação da família ao casamento de Raimundo e Ana Rosa, o casal decide fugir da província, porém fatalmente seus planos de fuga são descobertos e o mulato se torna autor de crime contra a honra de Manuel Pescada. Embora não possamos dizer que o autor fosse a favor ou contra casamentos arranjados pelas famílias, pois isso era algo comum na época, também não significa que ele era condizente com a atitude de Dias.

Segundo Diniz (2008), de acordo com as características do romance naturalista, Aluísio desenvolve sua narrativa demonstrando como o ambiente pernicioso da São Luís e a descoberta de sua origem escrava de Raimundo conduzissem o personagem principal para a desestabilização psicológica e a consequente perdição. A crítica social de *O mulato* tem por pressuposto, de certa forma, a crença de que uma mazela poderia ser um fator essencial para que a sociedade viesse a se racionalmente autocorriger.

2.5 Racismo e relações étnico raciais no Brasil

Em 1888, “com a abolição da escravatura”, o que se esperava por parte dos abolicionistas era que a abolição trouxesse uma transformação econômica e social.

Nesta época o Brasil ainda era uma economia essencialmente agrária com um sistema paternalista, o qual favorecia os proprietários de terra (brancos ou mulatos claros) – economicamente, socialmente e politicamente. Já os estratos inferiores que incluíam brancos pobres, estavam afeitos à submissão e deferência. Aos poucos os fazendeiros se deram conta de que a abolição não os afetaria em relação a sua hegemonia social e econômica, com isso os escravos recém-libertos sujeitaram-se à estrutura social brasileira da época.

Por mais que no Brasil a “regra de descendência” nunca foi aplicada com muita rigidez, não devemos ignorar o fato de que ela existiu. Neste caso era comum que mestiços em ascensão social fizessem o possível para que outras pessoas não soubessem seus antecedentes familiares, já que os mulatos eram inseguros o suficiente para acreditar que sua mudança social estaria ameaçada por sua origem familiar, o que redefiniria seu status social. Os limites à ascensão de mulatos dependiam precisamente de sua aparência (quanto mais negro, menos mudança social), mas podemos imaginar que as definições sociais de fenótipos raciais mudassem através do tempo. Mesmo levando em conta esses fatores, porém, não se pode fugir à conclusão de que nos últimos cem anos houve um branqueamento da população.

Com isso existe uma explicação final para o processo de branqueamento: a forma como ocorreu a miscigenação. Os homens brancos concebiam mestiços, aumentando, assim, a possibilidade das próximas gerações terem a pele mais clara. Isso ocorreu pois o sistema social tradicionalista contribuiu para que homens negros não tivessem muitos filhos, assim as negras teriam forte condicionamento para preferir parceiros mais claros que elas. Fazendo assim com que a realidade social coincidissem cada vez mais com o ideal de branqueamento.

Feita a abolição, muitos escravos saíram das fazendas e foram trabalhar com agricultura de subsistência onde quer que encontrassem terras. Outros migraram para as cidades, as quais não estavam preparadas para receber tantos trabalhadores desqualificados. Uma parte juntou-se a quadrilhas urbanas, que praticavam uma forma de luta com os pés, conhecida atualmente como capoeira.

Essa ameaça à segurança pública fez com que membros da elite julgassem menos constrangedor se preocupar com a criminalidade do que com as consequências sociais da abolição.

Os brasileiros não eram contra a abolição que estava acontecendo. No entanto a realidade social brasileira era completamente diversa da americana e ainda mais da europeia. Assim era difícil achar um meio de tornar as teorias raciais vindas da Europa e EUA compatíveis com a sociedade brasileira da época. No fim do século XVIII, os ex-escravos estavam começando a abrir um espaço na sociedade brasileira, enquanto nos Estados Unidos seus congêneres sofriam discriminação o que os impedia de ingressar na sociedade economicamente ou socialmente.

Além disso americanos e europeus viam casamentos inter-raciais como algo assustador. O medo da mestiçagem era tido como uma consequência dessa possibilidade existir, assim havendo um profundo medo psicossocial na atitude americana em questão ao mestiçamento racial. Poligenistas extremos chegaram a declarar que mulatos eram estéreis, afirmando que segundo as leis da zoologia, qualquer animal produzido pelo acasalamento de pais de espécies diferentes não se reproduziam.(SKIDMORE, 2012). Essas teorias ainda circulavam na Inglaterra e Estados Unidos nas décadas de 1850 e 1860, apesar das várias evidências de que isto não correspondia à realidade. Embora muitas pessoas acreditem nessa teoria, no Brasil ela não teve muitos adeptos por conta de que a realidade social desmentisse este fato tão claramente, que seria hipocrisia levar a sério tal acontecimento.

O primeiro estudo etnográfico de um brasileiro veio de Nina Rodrigues, um médico e professor de medicina da Faculdade da Bahia que, apesar de ser mulato, se tornou um dos mais prestigiados doutrinadores raciais de sua época. Ainda que fosse lido por muitas pessoas, suas teses se mantiveram fora do pensamento brasileiro. Rodrigues elaborou uma justificativa teórica completa, para que os ex-escravos fossem considerados incapazes de serem civilizados. O que mais afligia Nina Rodrigues era o Norte do país, já que lá o processo de branqueamento não estaria dando certo, assim “condenando” a região. Sendo assim Rodrigues temia por

um Brasil de Norte mestiço e Sul branco. Ainda que aceitasse as teorias racistas ele sempre procurava distinguir a realidade étnica brasileira da norte americana. O racismo dogmático que Nina expressava era retratado em discursos feitos por autoridades importantes.

Esse tipo de racismo escorreu também da pena de pensadores sociais de segunda linha e de propagandistas no decênio seguinte, como se pode perceber no discurso pronunciado por Hermann Soares, orador da turma de 1913 da Faculdade de Direito do Recife. Pouco conhecido depois de formado, Soares proferiu um discurso nada original, mas que serve como uma sinopse típica das ressalvas brasileiras à teoria racista dogmática do começo do século XX. (SOARES, 2010).

Para resumir o que Soares quis dizer, as coisas só pioravam quando brancos se acasalavam com negros e indígenas. Também apoiava o sistema de educação estadunidense onde se dizia que as escolas produziam qualidades de caráter que faltavam e que fez dos Estados Unidos uma nação mais forte. Assim Hermann Soares disse que o caráter brasileiro não estaria perdido em sua totalidade se adotássemos o sistema norte americano de educação.

Mesmo que Soares considerasse os negros como se nunca tivessem feito nada em prol da sociedade, ou seja, como se fossem defeituosos e não servissem para nada, ele também era contra o jeito com que os Estados Unidos tratavam os negros, já que lá eles sempre viviam aterrorizados por serem ameaçados constantemente.

A tese brasileira de branqueamento nunca chegou a ser abraçada pela Europa e América do Norte, isso por usar eufemismos se tratando dos brancos como “mais adiantados” e os negros ou indígenas como “menos adiantados”. Primeiramente foi apontado que a população negra estava diminuindo em questão da taxa de natalidade a qual era menor em relação a negros. Depois foi apontado que a miscigenação estava formando uma civilização mais clara, isso por conta de que os genes brancos eram mais fortes e as pessoas estavam escolhendo parceiros mais claros que elas.

Assim a análise de um branqueamento se mantia otimista, uma vez que a mestiçagem não gerava “degenerados”, e assim tornaria a população cada vez mais branca. João Batista Lacerda, o diretor do Museu Nacional, deu uma aprovação científica a essa tese. Além disso foi o primeiro latino-americano a apresentar um trabalho no Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em 1911 na cidade de Londres. Contudo, a tese de Lacerda foi desaprovada pela população brasileira, por conta de que ele falava que para atingir um ideal de branqueamento levaria pelo menos um século. “Depois de assim demonstrar a afirmação por parte de membros das raças condenadas à extinção no Brasil, alegou que de modo nenhum seria errôneo apontar a existência de uma mistura racial no país”. (SKIDMORE, 2012).

A ideologia brasileira de branqueamento foi incentivada por visitantes estrangeiros. Um deles foi Theodore Roosevelt ex-presidente estadunidense que no ano de 1914 escreveu para uma revista sobre como via positivamente o desaparecimento do negro brasileiro, também disse que a mistura de brancos com indígenas foi o adição de um bom e não mau elemento e que a imigração europeia ajudaria os brasileiros a se livrarem do sangue negro.

Relativo a esta questão, Sílvio Romero achava que Lacerda estava sendo otimista em prever apenas um século para o branqueamento da civilização brasileira. Uma vez que para isso Romero previa entre três ou quatro séculos para o processo de branqueamento ocorrer. Além disso chegou à conclusão de que os mestiços nunca desapareceriam. É importante informar que Romero tirava suas conclusões de suas próprias leituras e impressões pessoais e nunca baseadas em estatísticas ou provas concretas que afirmassem suas teorias.

No geral seria errado se falássemos que toda a elite brasileira concordava com as teses raciais que estabeleciam um ideal de branqueamento. Entretanto, podemos afirmar que entre 1889 e 1914 a maioria dos membros da elite abraçava tal ideia. Alguns seguiam a ideia de teoria racista ortodoxa, assim como Nina Rodrigues, que diziam que o branqueamento não prevaleceria em todo país. Os imigrantes sulistas, principalmente alemães defendiam opiniões extremamente racistas e tentavam ao máximo se separar do resto da população nascida no país.

Por fim, outros pensadores que estavam em busca de uma nacionalidade brasileira mais autêntica, discordavam diretamente o quadro de referência da teoria racista científica.

3 METODOLOGIA

Em nossa análise de *O Mulato*², obra produzida justamente num momento de modernização da narrativa literária nacional, nas últimas décadas do século XIX, utilizaremos a literatura e a história como objeto de estudo. Mais particularmente, utilizaremos o clássico de Aluísio Azevedo como fonte documental para a compreensão do racismo e relações étnico-raciais no Brasil presentes na obra. Trata-se, no desenvolvimento da pesquisa, de mobilizar a literatura como objeto da análise histórica.

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo, envolvendo um estudo bibliográfico e documental, tendo em vista a temática geral da pesquisa, a narrativa literária da obra *O Mulato*. A pesquisa qualitativa propicia uma certa liberdade de análise, possibilitando assumir várias posições diversas sobre um mesmo objeto de estudo, não exigindo a aceitação de uma única resposta na interpretação de uma determinada obra.

Inicialmente a obra foi lida e estudada individualmente por cada membro do grupo, separada por capítulos e discutida concomitantemente nos encontros que ocorriam semanalmente, com o propósito de compreender a origem histórica do racismo no Brasil.

Para melhor entendimento e compreensão da temática relacionada ao contexto histórico evidentemente presente na obra, foi realizado um aprofundamento da fundamentação teórica, seguido da produção de resumos individuais com diferentes temas presentes na obra, tais como: o naturalismo; relações entre história e literatura; teorias raciais no Brasil e na Europa; o sistema escravocrata e a

² Para o estudo deste projeto de pesquisa foi utilizada a edição: AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. 15. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992. 247 p.

naturalização da violência; raça, racismo e etnia. Em seguida, foram selecionadas passagens textuais pertinentes à temática do projeto presentes no transcorrer de toda a obra. A partir das passagens selecionadas, a equipe extraiu excertos que foram organizados em uma tabela que continha palavras-chaves para a análise. Estas palavras-chave possuem notável importância para a elaboração da análise da obra, pois expressam nitidamente temáticas relativas à problemática desta pesquisa, sendo elas: Racismo e escravidão; Raça e mestiçagem racial; As mulheres em *O Mulato*; Festas Populares e Religiosidade; Raimundo, *O Mulato*.

A análise histórico-literária da obra, cujos resultados podem ser lidos na sequência deste relatório, foi organizada a partir das palavras-chave selecionadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Racismo e Escravidão

O “cientificismo do tempo” presente na obra naturalista de Aluísio, advinha da influência das teorias das ciências experimentais da época que compreendiam o homem como “um simples produto biológico, cujo comportamento resultava da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica” (PRECIOSO apud TUFANO in MONTELLO, 2011, p. 7).

Pensamentos e atitudes racistas observadas no decorrer de décadas, diante da sociedade são reflexo da época de escravidão e pós-escravidão, a qual após ser abolida não deu suporte para tais problemáticas desvencilhar-se de posições tidas como desvantajosas na sociedade. Através da obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo constata-se a incessante necessidade em propor novas reflexões:

Destarte, o livro de Azevedo, mais que uma fonte, teria sido um episódio da luta pela destruição de instituições tradicionais brasileiras – a Igreja e a escravidão –, nocivas e arcaicas aos olhos do cientificismo positivista. O livro, contudo, observa Montello, não se esgota na crítica a essas instituições. Para além da denúncia do preconceito de cor e da má vida do clero maranhense (PRECIOSO apud MONTELLO, 2011, p.4).

Na obra literária, o autor emprega palavras racistas ao se referir às pessoas negras, pressupõe-se que com a principal finalidade de tornar perceptível possíveis modelos de tratamento contra negros e/ou negros escravos. Cidadãos que possuíam a tonalidade da pele escura, na maioria das vezes, eram tratados com desigualdade e rejeição pelas pessoas brancas. Deste modo, na obra, sempre referiam-se aos negros, utilizando palavras de baixo calão, inferiorizando a descendência, tal como costumes e modo de vida também:

[...]Qual é o direito dele? Nenhum! Um negro forro à pia não pode aspirar à mão de uma senhora branca e rica! É um crime! é um crime, que o facinora quer, a todo transe, perpetrar contra a nossa sociedade e especialmente contra a família do homem a quem você se dedicou, uma família que, por bem dizer, já é sua, porque Manuel Pedro tem sido para você um verdadeiro pai, um amigo sincero, um protetor, que devia merecer-lhe, ao menos, o sacrifício que você agora duvida fazer por ele! É uma ingratidão! nada mais, nada menos! Mas a justiça divina, seu Dias, nunca dorme! Deus tentou fazer de você um instrumento dos seus sagrados desígnios, e você se recusa[...](p.232).³

Relações entre negros e pessoas brancas na obra *O Mulato* nitidamente eram raríssimas, só existiam a mando de alguma tarefa doméstica (em caso de negros escravos) e/ou interesse de troca de informações (em caso de apenas negros).

Grande parte das crianças negras (quase sempre meninos) eram vendidas, e previamente os corretores as examinavam, detalhe por detalhe, garantindo saúde para posteriormente lograr êxito nas realizações de trabalhos; destarte, batiam-nos para conferir a vitalidade de suas musculaturas, tratando-os como animais.

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para serem vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (p.16).

Estes atos racistas, presentes no desenrolar da trama, possuem grande

³ Quando houver uma citação da obra *O Mulato*, será referenciada em itálico e apenas com a página.

realismo envolvido. Deste modo, o pensamento do leitor lhe permite vivenciar atos violentos existentes nas diversas cenas no decorrer de todo o livro.

Torna-se notável, que a escravidão e o racismo adjuntos, constituem um sistema de tratamentos sociais que perduram durante um espaço de tempo prolongado.

O racismo e a escravidão, bem visíveis do início da trama até o seu fim, destacam questões sociais e econômicas presentes nas diferentes classes sociais, ressaltadas na obra de uma forma naturalista, assim, expressando de uma lado o conformismo e acomodação das pessoas e/ou do outro lado a total indignação.

4.2 Raça e mestiçagem racial

A cor da pele, assim como outras características corporais externas, são fatores biológicos que estão inscritos no código genético de cada pessoa. O equívoco das teorias raciais do século XIX foi sustentar que tais fatores biológicos, sobretudo a cor da pele, determinariam as funções sociais e os comportamentos biológicos dos indivíduos e grupos humanos.

A obra literária de Aluísio Azevedo, traz dentro de seus inúmeros capítulos, a raça, como algo que envolve tanto a cor da pele, quanto sua descendência. A raça era tão significativa, que as pessoas que possuíam cor de pele negra eram tratadas como insignificantes, visto que o preconceito racial e a questão biológica (DNA) eram bem severas. No trecho que será citado abaixo, podemos perceber, justamente, que eles se referem à pessoa negra como mulato. Naquele tempo era considerado mulato as pessoas que não possuíam uma descendência pura, ou seja, eram uma mistura de uma raça “pura” (“raça branca”), com uma raça “impura”, (“raça negra”), muitas vezes chamados de cabra.

*- Mas Brito, vem cá. Disse o outro com grande mistério, como quem faz uma revelação importante- Ouvi dizer que é mulato.
E a voz de Brito tinha o assombro de uma denúncia de crime.
- Que queres, meu Bento? São assim estes pomadas cá da terra dos papagaios. E ainda se zangam quando queremos limpar-lhes a raça, sem*

costrar nada por isso.

- Branquinho nacional. É gatinha com quem eu embirro, ó Bento como com o vento, disse o Brito com uma troca e baldroca de VV e BB, que denunciava sua genealogia galega (p.84).

É possível se observar em várias passagens do livro, que o termo cabra é bastante utilizado, principalmente quando se referiam a Raimundo, que era descendente de uma escrava com um senhor. Isso porque era uma forma de se referir a uma pessoa que não possuía uma raça digna, na visão da época; por este motivo, ao se referirem ao Raimundo o autor emprega muito o termo Mulato/cabra.

Através do trecho citado acima, Azevedo passa uma ideia de que acreditava que a raça era algo que se podia mudar, limpar, como se fosse algo sujo.

As pessoas que eram de descendência negra, parda e todas as raças que não tivessem uma descendência européia, eram tratadas como pessoas inferiores, tratadas até mesmo como "bichos", eram considerados seres defeituosos, justamente pela "impureza" de sua raça.

Pode-se observar, ainda, que quem era descendente de escravo, ou até mesmo mestiço, sofria muito, não só eram tratados com palavras de baixo calão, como também *sofriam por conta de seus traços físicos, como suas cores de pele.*

Raimundo lembrou-se de sair, faltou-lhe o ânimo: afigurava-se-lhe que na rua todos o apontariam, dizendo "Lá vai o filho da escrava! Ia abrir a janela e hesitou; sentia um grande tédio, um mal-estar crescente, desde a revelação de Manuel; uma surda indisposição contra tudo e contra todos; naquele momento, irritava-o, por exemplo, a voz aflautada de um quitandeiro, que argumentava, lá embaixo na rua, com um súcio. Abriu o álbum com a intenção de desenhar, mas repeliu-o logo; tomou um livro e leu distraidamente algumas linhas; levantou-se, acendeu um cigarro e passou a largos passos pelo quarto, com as mãos nas algibeiras.

Em um destes passeios, parou defronte do espelho e mirou-se com muita atenção; procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal, que denunciasse a raça negra. Observou-se bem, afastando o cabelo das fontes; esticando a pele das faces, examinando as ventas e revistando os dentes; acabou por atirar com o espelho sobre a cômoda, possuído de um tédio imenso e sem fundo(p.172).

Na obra literária, o narrador deixa claro o preconceito que as pessoas negras sofriam, não só naquela época, mas também em épocas anteriores, era transmitido uma cultura racista entre os brancos de geração em geração da qual a família

preferia ver sua própria filha/neta, morta, prostituída, ao ver casada com um homem de cor.

E Ana Rosa ergueu-se, levantando a cabeça. Brilhava-lhe no rosto, embaciado pelas lágrimas, o reflexo de uma grande e dolorosa resolução. Todas as vistas se voltaram para ela; estava pálida e comovida, seus lábios tremiam; mas afinal, vencendo a onda vermelha do pudor que a sufocava, balbuciou:-Tenho por força de casar com ele... Estou grávida! Foi um choque geral. Até o próprio cônego, para quem o estado da moça não era segredo, pasmou de ouvi-la. Manuel caiu sobre uma cadeira, fulminado, com os olhos muito abertos, arquejante. O Dias fez-se da cor de um cadáver. E Raimundo cruzou os braços: enquanto Maria Bárbara, espumando de raiva, saltava para junto da neta, escondendo-a com o corpo, como se quisesse defendê-la do amante. -Nunca! Nunca! bramiu a fera. Grávida?... Embora! Antes morta ou prostituída!... (p.228)

Azevedo põe em questão também o preconceito da sociedade e a falta de respeito sobre Raimundo; por ser um homem negro e filho de uma escrava, era considerado sem estudo e mesmo tendo feito uma faculdade não tinham respeito pelo seu conhecimento.

4.3 As Mulheres em O Mulato

Na obra *O Mulato*, perceptivelmente há uma grande diferença entre a representação da mulher escrava e da mulher branca livre. As escravas normalmente eram negras, sofriam grande racismo e/ou preconceito racial, eram descritas pelo narrador como: “sujas”; “pretinha”; “preta velha”; “gordas”; “vadias”; “desgraçadas”, sendo estas descrições no século XIX, sinônimos de africanas.

Do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!”[...]Para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas (p.15).

Em determinados momentos, as mulheres escravas eram apresentadas pelo autor, o qual solicitava de forma implícita uma atenção para elas, enaltecendo-as por seus corpos saudáveis, sua grande força de vontade para seus afazeres:

Mônica orçava pelos cinquenta anos; era gorda, sadia e muito asseada; tetas grandes e descaídas dentro do cabeção (p.76/77).

Enquanto a mulher escrava era descrita pelo seu físico, a mulher branca era apenas descrita por seus costumes e habilidades, é possível observar nos seguintes trechos:

Para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas (p.15).

Ana Rosa cresceu pois, como se vê, entre os desvelos insuficientes do pai e o mau gênio da avó. Ainda assim aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto de ouvir (p.20).

Em contrapeso, a mulher branca e livre era vista como uma pessoa superior em relação às mulheres escravas. O autor as caracteriza como racistas, orgulhosas da vida que levavam, tendo como principal objetivo a busca pelo casamento (o qual deveria ser aprovado pelo pai), mas este envolvimento era permitido apenas com homens brancos, inteligentes, mandantes.

É possível perceber essas diferenciações raciais, em situações observadas em festas, na própria casa onde se passava o enredo da obra literária, e qualquer outra situação em que haveria presença de ambas no mesmo local:

Reconheço que nos são necessários, reconheço!... mas não podem ser mais imorais do que são!... As negras, principalmente as negras!... São umas muruxabas, que um pai de família tem em casa, e que dormem debaixo da rede das filhas e que lhes contam histórias indecentes! É uma imoralidade! Ainda outro dia, em certa casa, uma menina, coitada, apareceu

coberta de piolhos indecorosos, que pegara da negra!...]Se conservo pretos ao meus serviço, é porque não tenho outro remédio!... (p. 63).

As mulheres brancas e livres na obra, tratavam com desdém a grande maioria das pessoas que não fossem da mesma cor de sua pele. Uma exceção é personagem principal, Ana Rosa, uma menina carinhosa, bondosa, piedosa com os escravos, filha de Manuel Pescada. Apaixona-se por Raimundo (o mulato, personagem que dá nome à obra), filho bastardo de José, se entrega a ele e ao seu amor:

E Ana Rosa deixava - se invadir lentamente por aquela embriaguez, esquecendo - se, alheando-se de tudo, sem querer pensar em outro objeto que não fosse Raimundo. De repente surpreendeu - se a dizer: "Como deve ser bom o seu amor!..."Estremeceu, porém, vieram - lhe desejos de os apalpar com os lábios. "Como devia ser bom ouvir dizer- Eu te amo!- por aquela boca e por aquela voz!"[...]E ficava assustada, como se de fato, no silêncio da alcova, uma voz de homem estivesse a segredar - lhe, junto ao rosto, palavras de amor (p.78).

No desenrolar de uma trama romântica envolvente, Ana Rosa se apaixona por um "mulato". Apesar de Raimundo possuir um grau de intelecto invejável por muitos, Manuel Pescada não permite que sua filha se envolva com ele, pois apesar de todas as qualidades que obtivesse, sua cor de pele gerava grande influência na decisão de Manuel, assim, Ana Rosa não poderia ficar com seu amado. Mais do que sua bondade, em contrapartida há a insatisfação de sua avó, Maria Bárbara. Na qual, exprimia o quanto as bondades de Ana Rosa a incomodavam, e sobretudo, o trabalho das escravas, que estava sendo executado de maneira muito descomplicada:

Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos os portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia "os sujos" e, quando se referia a um mulato, dizia "o cabra". Sempre fora assim e, como devota, não havia outra: Em Alcântra tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura a rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados (p.18).

Levando em consideração esses aspectos, Ana Rosa sendo uma mulher recatada, distinta, deveria agir, segundo a sociedade e principalmente seus familiares, como a grande maioria das mulheres de pele branca vindas de uma família admirada pela sociedade; seu destino deveria ser encontrar um marido aceito por seu pai, ter filhos, criá-los para que posteriormente o processo apenas se repetisse. Traçar este caminho, seguindo linearmente sem nenhum desvio, era crucial para uma vida “feliz”. Sem mostrar interesse em uma relação seja ela de amizade ou não com negros e/ou escravos.

4.4 Festas Populares e a Religiosidade

A religiosidade no século XIX era abordada como uma forma de se manifestar num sincretismo de práticas e adorações, ou seja, A religiosidade no século XIX era abordada como uma forma de se manifestar num sincretismo de práticas e adorações.

A descrença em Deus é um ato de fé, pois não há como provar que o mundo e tudo o que há dentro dele e sua profunda ordenação matemática e a própria matéria, que tudo isso simplesmente existe por si mesmo como fatos brutos sem fonte alguma que lhes seja exterior. Se a teoria de que Deus existe nos leva a esperar o que encontramos, ao passo que a crença de que Deus não existe não o faz, por que não seguir em frente, ao menos a título de experiência, adotando a teoria de que Deus existe? (Keller, 2016, p. 285).

A religiosidade no Brasil era do cunho doméstico e também era privada, ou seja, não era institucional. Com isso as famílias tinham um grande papel de demonstrarem expressões de religiosidade, estabelecendo assim um ambiente onde transpassavam as orações e os comportamentos religiosos.

Em *O Mulato*, a religiosidade era compreendida de uma maneira bem hostil, onde usavam da fé para justificar todas as atitudes que eram feitas. Além de usarem a religião para justificar tais atitudes, ela era usada também como uma forma de “cometer” racismo partindo da ideia de que a religião justificasse. É possível

observar atitudes como essa em vários trechos do livro, onde um dos exemplo é o padre.

A fé predominante era fortemente voltada ao Cristianismo, no qual se acreditava em um único Deus. Pode-se perceber a contradição dessa religiosidade muitas vezes no livro, onde em um dos trechos, o padre usa o nome de Deus para justificar que as atitudes da personagem Ana Rosa, estavam totalmente erradas.

- *Diga-me: o que é que ultimamente a tem posto triste?... Sente-se possuída de alguma paixão, que a atormenta?... Diga.*
 - *Sim, meu padrinho, respondeu ela, sem levantar os olhos.*
 - *Por quem?*
 - *Vossemecê já sabe por quem é...*
 - *Pelo Raimundo...*
- A moça respondeu com um gesto afirmativo de cabeça.*
- *E quais são as suas intenções a esse respeito?*
 - *Casar com ele...*
 - *E não se lembre que com isso, ofende a Deus por vários modos?... Ofende, porque desobedece a seus pais; ofende, porque agasalha no seio uma paixão reprovada por toda a sociedade e principalmente por sua família; e ofende, porque, com semelhante união, condenará seus futuros filhos a um destino ignóbil e acabrunhado de misérias! Ana Rosa, esse Raimundo tem a alma tão negra como o sangue! além de mulato, é um homem mau, sem religião, sem temor de Deus!...!] (p.214/215).*

No século XIX, as festas eram eventos de grande importância na vida dos habitantes daquela determinada cidade. Tinham uma visão dessas festas como algo extremamente valioso, onde buscavam comemorar ao máximo.

Raimundo, assentado, contra a vontade, ao lado do Freitas, falava com saudade nos costumes portugueses nas noites de São João e São Pedro; contou como era que as raparigas queimavam alcachofras e plantavam-nas em vasos à janela para ver com elas grelar a sorte (p.114;115).

As festas populares na obra literária *O Mulato*, eram quase sempre representativas a santos importantes, dizê-se que a religiosidade estava muito ligada a essas festas, como também estavam ligadas a acontecimentos importantes de determinado lugar. É possível perceber que as pessoas que possuíam pele negra, não podiam aparecer de modo algum nessas festas, pois se aparecesse eram tratados com discriminação e com palavras de baixo calão, como também eram

obrigados a se humilhar frente a todos. Concluiu então que as festas que aconteciam tinham um cunho racista e também preconceituoso, onde pessoas de “cores” eram consideradas inexistente.

Sendo um fenômeno social e também uma manifestação cultural, as festas possuem significados totalmente diferentes, como por exemplo, as festas tradicionais são bem diferentes das festas populares.

As festas tradicionais tinham cunho de comemorar algo de importante que ocorreu naquele determinado lugar, como por exemplo, o aniversário daquela cidade como também as festas típicas que ocorriam naquele determinado local. Já as festas populares tinham como principal característica a participação do povo (coletividade), onde também havia presença marcante de rituais religiosos, comidas, músicas, danças e roupas típicas, que simbolizavam também muito dos costumes, das crenças, como também mostravam assim o poder e as diferenças sociais.

Na obra de Azevedo, o autor retrata de uma forma clara e sensual como a mulher tinha um traço de brasilidade, onde requebravam “ora pra cá, ora pra lá”, sempre com um toque de atrevimento, e com uma mistura de entretenimento que sabiam fazer bem. As mulheres em *O mulato* recebiam um toque especial, onde muitas eram citadas com grandeza. Azevedo também descreve as mulheres brasileiras com bastantes detalhes, onde cita muito as características corporais dessas mulheres.

De pronto, Casusa e Sebastião pularam ao meio da sala e puseram-se a sapatear agilmente, com barulho, estalando os dedos e requebrando todo o corpo. Em breve arrastaram o Serra, o Faísca e o Freitas; e as moças, chamadas por aqueles, entraram irresistível na brincadeira. Elas rodavam na pontinha dos pés, o passo miudinho e ligeiro, os braços dobrados e a cabeça inclinada, ora para um lado, ora para outro, estalando a língua contra o céu da boca, numa volúpia original e graciosa.

Os velhos babavam-se.

- Quebra! berrava o Casusa entusiasmado. Quebra, meu bem! (p.107).

A dança brasileira no século XIX foi começando a se modificar, tornando-se uma dança com passos livres na qual as pessoas da época buscavam trazer sempre uma forma nova de se expressar, mas no começo essa “forma nova” nem sempre foi

interpretada pelo sexo masculino como só uma dança, mas sim como uma forma de sedução.

4.5 Raimundo, O *Mulato*

O *Mulato*, como o próprio título do livro já se refere, é um dos principais protagonista da obra literária de Aluísio de Azevedo, chamado de Raimundo. Na obra literária, Raimundo é um personagem negro que sofre discriminação e racismo em quase todos os capítulos da obra. Isso se dá por conta de que ele era filho de uma escrava com um senhor, o que naquela época era considerado algo totalmente desconhecido, ou seja, pois os escravos eram considerados pessoas sem dignidade e sem raça, o fazia com que as pessoas acreditassem que eles eram inferiores às demais raças como europeus, portugueses, entre outras. É possível observar também que mesmo formado, disciplinado e esforçado, Raimundo sempre era considerado uma pessoa impura, por conta de seu passado.

Raimundo era filho de José Pedro da Silva, fazendeiro, comerciante português e também filho de Domingas, uma das escravas de seu pai, nascido no nordeste de uma fazenda que pertencia a seu pai. Raimundo é descrito muitas vezes no livro como uma idealização, sendo tratado em muitos dos casos, com uma superioridade física, intelectual e moral.

Ele era uma pessoa de pele negra, com os olhos esverdeados e com cabelos negros, possuía muitos traços herdados de sua mãe, uma escrava, o que dificultava ainda mais sua vivência na casa de seu tio. Longe dos pais e ainda criança ele se muda para Lisboa, em Portugal, onde passou cerca de vários anos de sua vida. Formado e com uma graduação em Direito, ele decide então voltar ao Maranhão, com o intuito de saber mais sobre seus pais e sobre seu passado. Raimundo chega em São Luís, onde é recebido e hospedado por seu tio Manuel Pescada.

Em uma casa de família:

- Sabem? Passou por aí o Raimundo?

- Que Raimundo? Perguntam logo em coro.

- Aquele mulato, que diz que é doutor, e está às sopas do Manuel Pescada

- Dizem que ele tem alguma coisa...

- *Pulha, minha rica, todos os aventureiros, que arribam por cá, trazem o rei na barriga!*
- *E o Pescada para que o quer em casa?*
- *Qual quer o quê! O Manuel despachou-o bonito, porém o mitra deixou-se ficar!*
- *Sempre há muita gente sem-vergonha!...(p.85).*

Em busca de resposta sobre seu passado, Raimundo começa a ir atrás de informações, mas na primeira tentativa de saber algo não obteve muito sucesso por conta do grande preconceito que estava sofrendo, sem mesmo saber o porquê do tratamento das outras pessoas com ele.

Ao longo da trama fica mais evidente o preconceito que ele sofria por ser um “homem de cor” e isso se deu a perceber bem quando Raimundo se apaixona por Ana Rosa, filha de seu tio Manuel Pescada. Com o pai da moça contra o amor dos dois e com uma avó racista que o considerava um cabra, Ana Rosa e Raimundo decidem viver um amor proibido que logo é percebido, quando Ana Rosa vai ao confessionário falar com o Padre sobre sua gravidez, e como o Padre era amigo de seu pai, conta a ele sobre o que sua filha havia feito.

- *Mas... há de concordar que não tem o direito de pretender a mão de minha afilhada! Nem a murros me obrigará a negar que o senhor é...*
- *Um cabra! concluiu a velha com um berro. É um filho da negra Domingas! alforriado à pia! É um bode! É um mulato!*
- *Mas afinal, com todos os diabos! a que pretendem chegar? gritou Raimundo, batendo o pé. Desembuchem! (p.230).*

Manuel então chama Raimundo para conversar e é então, que ele descobre realidades que o chocam muito. Raimundo descobre que era fruto de um amor proibido entre um homem branco com uma escrava e quem nascia de uma descendência como a dele era tratado como mulato. Foi aí que Raimundo começa a ligar os pontos e ver que ele era tratado daquela forma por todos, por conta de sua descendência. E além de ter descoberto sobre isso, ele descobre muitas outras realidades que o deixaram em um estado de tristeza e desgosto.

- *E repetia insensivelmente as palavras de Manuel: “Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é filho de uma escrava! - O senhor é um homem de cor! - O senhor foi forra à pia, e aqui ninguém o ignora!*
- *O senhor não imagina o que é por cá a prevenção contra os*

mulatos!...

- *Mulatos! E eu que nunca pensara em semelhante coisa!... Podia lembrar-me de tudo, menos disto!...(p.169).*

Decepcionado com tudo que tinha ocorrido, Raimundo decide ir embora de São Luís do Maranhão, porém algumas semanas depois ele retorna para São Luís do Maranhão novamente. Decido que iria ficar com Ana Rosa custasse o que custar, ele e Ana Rosa planejam então uma fuga, onde tinham a idéia de saírem dali para bem longe. Porém na noite da fuga, algo inesperado ocorre e muda totalmente o destino desse amor proibido.

Como tudo havia sido planejado e eles estavam preparados para fugir, esperaram a noite para poderem se ir. A hora da fuga chegou, mais quando estavam saindo da casa de Ana Rosa foram surpreendidos pelo Padre Diogo e mediante a isso, tudo que se havia sido planejado, não ocorreu como esperado. Raimundo então deixa Ana Rosa e se vai. Indo ao destino que se havia programado, Raimundo se deu conta de que estava sendo seguido, mais mesmo assim decidiu seguir caminho. Depois de chegar ao seu rumo, Raimundo se dá conta de que realmente estava sendo seguido, e quando ele se vira para trás, vê Luis Dias com uma arma apontada para sua cabeça, Luís dias então, atira com toda frieza e Raimundo cai morto ao chão.

Ana Rosa que estava grávida de Raimundo, desapontada após saber da morte de seu amado decide então abordar o filho do casal. Ao final da trama então Ana Rosa e Luís Dias se casam, onde tiveram três filhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de romance O Mulato de Aluísio Azevedo, foi de grande importância para a literatura brasileira, pois traz diversas críticas de situações, como a pobreza, opressão, desigualdade social, período escravagista. Obra que inaugurou o naturalismo brasileiro, no Maranhão, a atividade do naturalismo era mais intensa do que no extremo norte.

Ao nos inserirmos no campo de pesquisa, tivemos oportunidade de através da análise da obra, confrontarmos a realidade vivida pelos negros e a literatura sobre o assunto. Parece-nos revelado, que as raízes dessa violência voltada aos negros, estão numa sociedade que se constituiu baseada num conceito da superioridade étnico-racial, que nem sempre se apresentou como verdadeira, porém foi manipulada para assim ser aceita.

No decorrer de uma trama envolvente, em *O Mulato* torna-se notável através do racismo, como, em relações cotidianas quem ordena algo e quem apenas acata, muitas vezes estes tratados com desdém, em contrapartida em alguma rara vez, é acolhido, como é o exemplo de Ana Rosa, uma das personagens principais, a qual em algumas passagens de texto acolhe escravos de sua avó.

Envolvendo aspectos hierárquicos constitutivos da sociedade brasileira, torna-se cognoscível, nas inter relações dos personagens, de diferentes classes sociais, interações cheia de escrúpulos, zelo e respeito.

É possível examinar que o racismo era fortemente ligado com a questão de família (hierarquia), na qual era passado como uma maneira de ensinamento, onde se era ensinado uma forma de pensamento de que portugueses, europeus e outras etnias eram superiores às que a do próprio indivíduo negro, pois os mesmos eram conceituados como pessoas sujas, ou inferiores, sendo tratado muitas vezes como um ser somente prestável para trabalhos imundos e pesados, e isso se levava muito em conta da cor da pele dos indivíduos.

Foi possível chegar ao nosso objetivo final, com vários aspectos analisados pelo grupo, sendo eles: de que modo o racismo era tratado no século XIX; como as pessoas brancas faziam parte da alta elite e eram tratadas com muito prestígio e como os negros muitas vezes considerados escravos eram tratados com desdém.

6 FONTE ANALISADA

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. 15. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992. 247 p. (Bom Livro).

7 REFERÊNCIAS

BIOGRAFIA de Aluísio Azevedo. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>>. Acesso em: 16 out. 2019.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História Ano 1**, Número 3, junho/ 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura – A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Aluísio Azevedo**. Disponível em:

<https://www.ebiografia.com/aluisio_azevedo/>. Acesso em: 14 out. 2019.

GIRON, Luís Antônio. **A redenção de Aluísio Azevedo**. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI51411-15220,00-A+REDENCAO+DE+ALUISIO+AZEVEDO.html>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. São Paulo: Vida Nova, 2016. 322 p.

Tradução de: Jurandy Bravo. Disponível em:

<<https://prandrelda.files.wordpress.com/2019/06/timothy-keller-deus-na-era-secular.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em: 14 out. 2019.

PRECIOSO, Daniel. **História e ficção no romance O Mulato de Aluísio de Azevedo: Aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX**. 2011. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1490/890>>.

Acesso em: 14 out. 2019.

SODRÉ, Elson Werneck. **Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.a ., 1965.

XAVIER, Regina Célia Lima. **Raça, , civilização e cidadania na virada do século XIX e início do século XX**. Disponível em:
<<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/reginaxavier.pdf>>.
Acesso em: 14 out. 2019.